

PRÉMIO DE ARQUITECTURA DO DOURO - 2019

O júri reunido na Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitectos, em 12 de Novembro de 2019, após ter efectuado no dia 21 de Outubro na delegação em Vila Real da CCDRN a abertura e aceitação das candidaturas ao Prémio, ter procedido à visita ao local das obras seleccionadas nos dias 4 e 5 de Novembro, decidiu proceder à atribuição dos Prémios e Menções Honrosas na presente edição de 2019, de acordo com o regulamento e tendo presente as considerações a seguir expressas, como resultado de uma importante reflexão para a tomada de decisão por unanimidade.

Considera em primeiro lugar que o Douro Vinhateiro é uma majestosa e dura paisagem moldada pelo “duro” Rio e seus afluentes e pelo contínuo labor de sucessivas gerações humanas, onde cada garrafa de vinho do Douro encerra o carácter da seiva que brota das suas ásperas entranhas, numa polifonia de tons, aromas e sabores, em que ousadas dissonâncias se harmonizam numa sólida estrutura concertante que inebria todo o mundo.

Considerando que o vinho do Douro assume o intrínseco carácter do «terroir», humanizado com o gesto, o saber e a arte dos seus inúmeros executantes, também de igual modo se considera que o gesto projectual, o saber e a arte dos arquitectos produz no Douro uma arquitectura atenta ao lugar, ora sabiamente adossada ao terreno, ora em contraponto com a magnífica paisagem, ambas as atitudes numa procura de harmonização com o sítio, ou no acompanhamento dos ritmos ondulantes dos socalcos, na contínua e envolvente cenografia, iconograficamente bem expressa por Álvaro Siza nos seus Esquissos do Douro.

Considera-se que o Douro Vinhateiro, a par do igualmente universal e geminado Vale do Côa, terá de ter presente o risco das brutais, desastradas ou disruptivas intervenções humanas, a banalização dos valores tangíveis por apressada modernidade, ou a comercialização caricatural dos seus ícones, que se traduzem na perda irreversível da intangibilidade do espírito do lugar.

O Júri considerou o facto de a construção da Central Hidroelétrica no Tua ter colocado seriamente em causa a continuidade do Douro Vinhateiro como Património Mundial, e a circunstância de se dever à intervenção da Arquitectura a não consumação de um desastre para a Humanidade.

Considerou-se, neste sentido, que o projecto arquitectónico soube entender a importância e a complexidade do sítio: com apurada racionalidade soube entranhar na paisagem os elementos técnicos que a pudessem perturbar; ao mesmo tempo, em contraponto e sensibilidade estética, soube erigir novos marcos arquitectónicos que, para lá da própria funcionalidade, se reconhecem em evocações da arquitectura erudita universal (desde Le Corbusier, Mies, Botta, Rogers, Tadao Ando e outros); e ainda valorizar no conjunto, outras obras de arte anteriormente acrescentadas à paisagem, o túnel ferroviário e viaduto metálico das Prezas (1885) e a Ponte de Edgar Cardoso de 1940, (ensaio para a magistral Ponte da Arrábida de 1957, à semelhança do Tiempietto de Bramante no séc. XVI); finalmente, para além de saber atenuar na sinfonia da paisagem a massa cinzenta do paredão da barragem, conseguiu, no interior da imensa “máquina” funcional, dar qualidade e conforto aos utilizadores, atenção nos detalhes, no rigor do projecto de execução, na harmonização da Arquitectura e Engenharia.

Desta forma, a Arquitectura na Central Hidroeléctrica do Tua venceu um decisivo desafio, não só para toda a Região do Douro, mas também para todo o País. Seria, assim, imperdoável não reconhecer publicamente o mérito no saber, na arte e no gesto projectual da **Arquitectura que soube salvar e valorizar o Douro Vinhateiro – Património da Humanidade**.

Entretanto, teve-se em consideração que na proximidade da Central Hidroeléctrica surge o Centro de Interpretação do Vale do Tua, que partilha com ela a existência, conteúdo temático e programático, e que o mesmo, embora com autonomia formal e funcional, constitui também um notável projecto de arquitectura de reabilitação, reutilização e valorização de icónicos armazéns devolutos ou abandonados, comuns nas impressionantes estações ferroviárias da linha do Douro, nos quais se constituiu, de modo indissociável, como a porta de entrada e espaço expositivo e pedagógico da intervenção arquitectónica no Complexo Hidroeléctrico e da sua importância para a Região.

Considerando que ambos se completam indelevelmente, devem por isso partilhar na devida escala o mesmo reconhecimento e mérito. Assim, o Júri por unanimidade propõe:

- Atribuição de Prémio de Arquitectura do Douro – 2019 ao Projecto de Arquitectura da Central Hidroeléctrica do Tua de autoria do Arquitecto Souto Moura.

- Atribuição de Menção Honrosa ao Projecto de Arquitectura do Centro de Interpretação do Vale do Tua da autoria da Arquitecta Susana Rosmaninho e do Arquitecto Pedro Azevedo

O júri considerou, também, que o Prémio de Arquitectura do Douro não se esgota apenas na relevância dos Projectos de Arquitectura de grande escala ou de grandes empreendimentos ou equipamentos públicos e privados que contribuem para a transformação, modernização, sustentabilidade socioeconómica e valorização cultural da Região.

Nas anteriores edições tem vindo a reconhecer e a premiar os projectos de arquitectura responsáveis pela modernização das Quintas e Adegas do Douro, como elementos fundamentais da actual produção vinícola e da promoção internacional do carácter singular do Douro Vinhateiro.

Nesta edição de 2019, apesar de um número mais reduzido de candidaturas neste âmbito, o Júri verificou a preocupação comum de uma harmonização do Projecto de Arquitectura com os valores intrínsecos do lugar: quer reabilitando e regenerando preexistências e materiais da região; quer recuperando ou eliminando construções dissonantes de passado recente; quer assumindo criativas soluções contemporâneas, associadas à eficiência energética, qualidade espacial, acessibilidade e conforto interior das construções, quer quando evidenciam respeito e integração no sítio e, cumulativamente, acrescentam novo património arquitectónico a valorizar a paisagem duriense.

Considerando especialmente estes últimos critérios, o Júri decidiu por unanimidade atribuir:

- Menção Honrosa ao Projecto de Arquitectura Casa do Rio, da autoria do Arquitecto Francisco Vieira Campos.

Como recomendação futura, o Júri entende que, doravante, também a Arquitectura dita corrente, modesta, habitacional, pragmática e funcional, deve ser estimulada a se candidatar, ser reconhecida, mencionada e mesmo premiada. Desde a simples recuperação e reabilitação de prédios tradicionais e vernaculares, às novas construções de raiz de limitados recursos, aos pequenos equipamentos comunitários, sempre que evidenciem o respeito ou pela integração dispersa na paisagem rural ou no conjunto dos núcleos habitacionais rurais e urbanos, no cuidado da selecção de cores, materiais e sistemas construtivos, e quando harmonizem a modernidade com a tradição, cultura e valorização da paisagem duriense ou, ainda, quando especialmente contribuem para o bem-estar dos que aqui habitam e trabalham e, deste modo, criam e valorizam um melhor ambiente construído e natural do Douro.

Finalmente, para permitir e estimular novas candidaturas, sugere uma reflexão na promoção, organização e regulamentação das futuras edições, definindo critérios e clarificando as regras do concurso, repensando a eventual constituição de classes ou categorias de prémios para assim possibilitar e permitir uma maior abertura e representatividade de diferentes escalas e âmbitos de intervenções de Arquitectura na promoção e valorização edificada e ambiental do Douro Vinhateiro.

Porto, 12 de Novembro de 2019

Os elementos do Júri:

Álvaro Andrade, Arquitecto, vencedor da última edição

Carla Riba Tua, Arquitecta, em representação da DRC

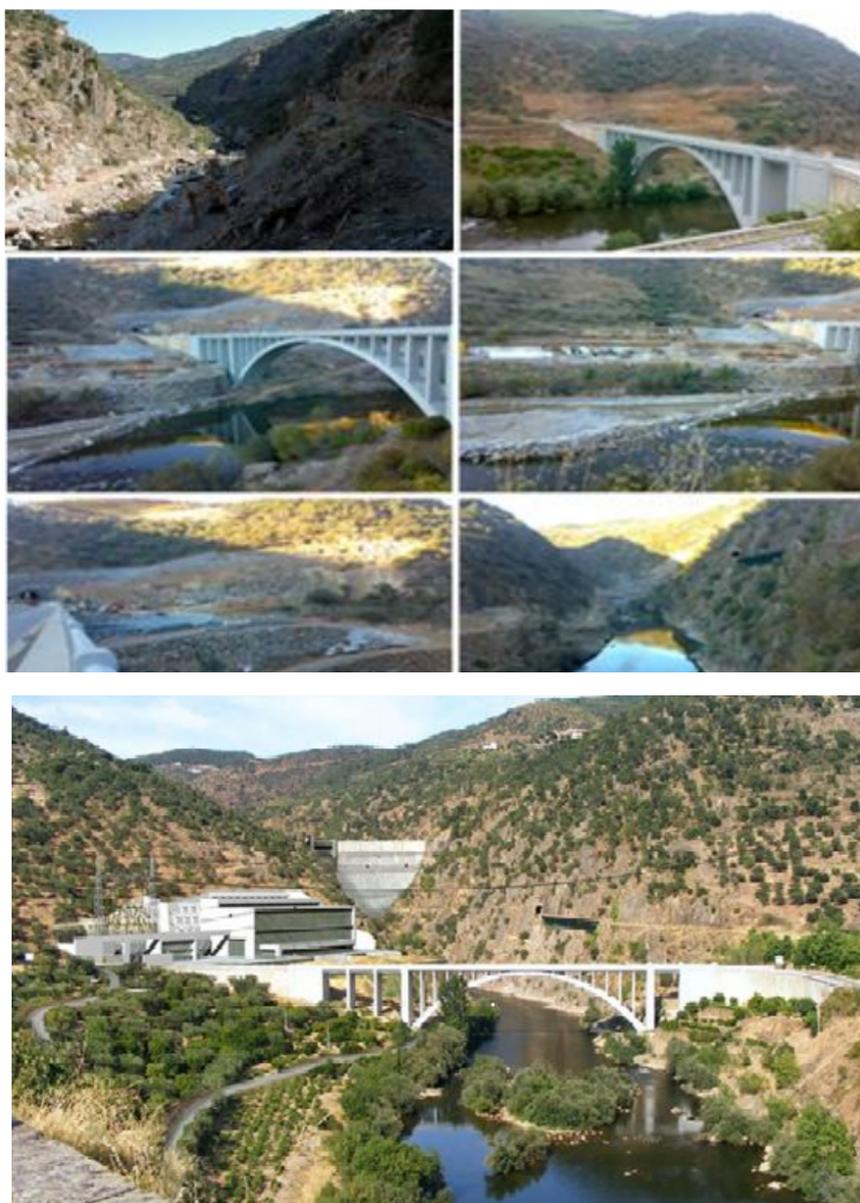
Daniel Couto, Arquitecto, em representação da OA

....

....

Presidente do Júri,

Helena Teles, Engenheira representante da CCDRN



Antevisão da Central Hidroelétrica do Tua, EDP